

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL

||

"Fachada" ... só FACHADA!

Ferrada já, que foi, a quadra pascal do corrente ano litúrgico, não fica **E**rá deslocado, até mesmo por isso, fazer agora uma breve abordagem de circunstância a uma magnífica alocução de João Paulo II, feita alguns meses atrás, e publicada, então, no "Osservatore Romano".

Com efeito, logo nos princípios da Quaresma concedeu o Papa a sua costumada audiência aos párocos e pregadores quaresmais da cidade de Roma e zonas periféricas. Trata-se, aliás, de uma tradição antiga, vinda de outros Pontífices, na sua suprema Autoridade de Guardiães-mores da Fé e dos bons costumes.

Nessa reunião anual é de norma Sua Santidade abençoar os trabalhos apostólicos do espinhoso múnus pastoral, durante o período de preparação para a Páscoa que então passa a desenrolar-se, bem como indicar, igualmente, aos oradores quaresmais as directrizes programáticas das suas homilias e discursos sacros.

Se é boa e santa toda a doutrina cristã e não há linha do seu compêndio, o Evangelho, que tenha envelhecido de alguma forma, ou deva considerar-se abrogada, certo é, no entanto, que as necessidades dos tempos vão evoluindo grandemente e o vício e o erro se assumem, cada vez mais, em mi-lhentas cambiantes, como volúveis e proteiformes.

Em consequência, há aspectos das Verdades Eternas que se torna oportuno e recomendável serem proclamados com redobrado vigor e energia, e erros e vícios que, por estarem cada vez mais difundidos e arreigados, é urgente esclarecer e opugnar.

Servindo-se de uma imagem feliz, que a tradição parece fazer recuar a S. Gregório Magno, João Paulo II chamou a esses ministros da palavra que o escutavam "precursores de Deus", destinados a abrirem, com o fulgor da sua palavra, as portas da alma humana, afim de nela melhor poder penetrar uma nova luz e uma nova graça de Deus. E, prosseguindo, referiu-se logo de seguida ao tema dos sermões quaresmais, chamando a atenção dos presentes para a contradição desoladora e verdadeiramente aflitiva verificada, mesmo nos cristãos e nos que se entregam a exercícios devotos e pios - a qual parece fazer barreira entre a crença e a vida prática. O mesmo é dizer, entre a Fé proclamada e a vida bem pouco cristã que é vivida a toda a hora, bastamente evitada de fortes e demolidoras tendências pagãs.

Com efeito, essa contradição desoladora, cada vez de mais largo espectro, entre uma Fé que se diz professar e uma vida prática paganizada, tão entregue à conquista do prazer e do divertimento que não trepida entre as várias formas da impudicícia e da imoralidade; essa aliança degradante entre uma vida que se pretende fazer crer de acção católica e de reconquista cristã e o exemplo prático das comunidades familiares e sociais onde impera a frivolidade e o esquecimento de toda a austeridade cristã, com a violação consentida das leis da Justiça e da Caridade, eis o que angustia o coração do Sumo Pontífice e desola, por toda a parte - de um modo particular, até, entre nós, os que atentamente seguimos, também, o resvalar inconsciente desta sociedade portuguesa, outrora cristianizada e hoje caminhando a passos largos para uma vida autenticamente paganizada.

Num desabafo que se entrosa, aliás, harmonicamente nesta afloração de ideias, poder-se-ia dizer, a propósito, que também no pequeno rincão que habitamos o panorama é já, e infelizmente, bem pouco diferente do que se deixou focado nesta perspectiva de carácter geral. Preferir-se-á, no entanto, fechar este pequeno parentesis sem mais outras observações adicionais...

Ainda é tempo de assentarmos a nossa vida cristã, de a convertermos numa missão de escol, de reconquista e de luta eficaz, de contra-vapor, em suma, àquela tão desoladora contradição.

Se assim não agirmos, estamos perdidos, mais cedo ou mais tarde. A paciência de Deus tem seus limites. E quando olhamos (embora tantas vezes de modo vago e superficial) para variados outros povos que vêm sofrendo calamidades e horrores inenarráveis, não nos ocorre ao pensamento que um dia a Justiça de Deus pode vir a cair sobre nós. Nada nos garante, de modo algum que possamos ficar para sempre a coberto de concessivas imunidades ou de privilegiadas excepções do Alto.

Será preciso "merecê-las", primeiro. E é isso que, por enquanto, não estamos a fazer. Nem por sombras!

■ Manuel António

UM MISTÉRIO

INDECIFRADO II

Na verdade, a cerca de dois quilómetros, aproximadamente, em direcção norte e numa zona que se presumiu estar situada no triângulo Vale-da-Velha, Baía e Quinta das Gaias, processava-se no espaço escuro, a baixa altitude, um espectáculo absolutamente inédito e jamais visto por qualquer daqueles observadores ocasionais.

Com efeito, um conjunto de cinco ou seis objectos de muito estranha compleição, de feito aparentemente circular e muito avantajado porte (mesmo a essa distância assentou-se que cada um deles deveria ter uma superfície como a do Adro do Convento) executavam um exótico bailado, em estranhas e sinuosas evoluções, esplendendo intensos raios de luz, de clarões e rajadas com grande alcance os quais se diversificavam por diversos tons coloridos.

A primeira impressão daqueles doentes foi de assombro e estupefacção pelo insólito do caso -mas, a pouco e pouco, à medida que iam tomando consciência mais nítida da invulgaridade que se desenrolava ante os seus olhos, alguns, mais timoratos e receosos, começaram a entrar em pânico.

Foi preciso uma chamada de atenção, forte e enérgica do enfermeiro (a quem todos muito respeitavam, aliás) para os refrear em devida contensão, afim de evitar que ao sector feminino chegasse algum eco de tão estranho fenómeno que estava a ocorrer.

Afortunadamente, a enfermaria das mulheres estava situada no lado oposto do edifício e, mesmo que alguma dessas doentes estivesse desperta e, mesmo, ocasionalmente levantada, não poderia dar pelo facto, que se processava do lado norte.

O estranho bailado desses objectos anómalos e a pirotecnia emergente das estranhas evoluções que executavam demorou alguns minutos, findos os quais cada um dos engenhos se foi erguendo verticalmente até grande altitude, desaparecendo em fila, no horizonte, sem deixarem qualquer rasto.

Na manhã seguinte, foi dado o devido conhecimento ao Director Clínico do Hospital, Dr. João Maria Felicíssimo, na sua visita aos doentes.

A primeira reacção do médico foi a de se mostrar ceptico e descrente -tanto mais, ainda, que era um positivista declarado, além de agnóstico e ateu. Mas, dada a insistência e pormenorização dos informes que foi colhendo, ter-se-á dado por convencido e, assim, entendeu como de boa política determinar que os doentes e o pessoal nada dissessem a quem quer que fosse, estranho ao Hospital, afim de que na terra se não viesse a espalhar essa notícia -que poderia causar ansiedade e alarme escusados.

Mas, a proibição de nada valeu, pois uma notícia de tal jaez em breve correria a Vila de lés a lés -e, de modo tal, que todos queriam mais pormenores e esclarecimentos. Tornou-se necessário, assim, restringir ao mínimo as visitas a cada doente, para obstar a que as enfermarias (sobretudo a dos homens) fossem invadidas pela natural curiosidade de um público ávido de conhecer em detalhe o que de tão estranho havia ocorrido.

(Continua)

- M.

NÓTICIÁRIO

1. Em vista das carências financeiras da Misericórdia, dado que as suas receitas são absorvidas, quase na totalidade, pelos diversos sectores de assistência que mantêm em actividade, necessitava-se absolutamente de uma subvenção do Estado para os trabalhos de conservação dos fogos do Bairro da Santa Casa.

Os conditionalismos de espartana austeridade que presidem actualmente à distribuição dessas verbas não puderam desbloquear, até ao presente qualquer subsídio oficial para o efeito.

Tentando evitar uma degradação que se torne, depois, de onerosos custos para ser colmatada, esta Misericórdia está tentando um esforço suplementar nas suas debilitadas finanças para ocorrer a alguns daqueles trabalhos, mais urgentes e necessários.

Bem se esperaria, agora, que alguns dos Irmãos que o Senhor dotou com mais larga abundância de meios materiais, se quisessem lembrar de que esta Santa Casa existe, apenas e unicamente, para socorrer e amparar os desprotegidos e os carentes dos mais elementares meios de subsistência.

2. Com a Senhora Presidente da Camara Municipal teve a nossa Mesa Directiva uma reunião de trabalho, tendente à viabilização da ajuda daquela Autarquia na 2ª fase da construção do LAR/Centro-de-Dia.

Apesar dos grandes encargos actuais com obras de execução em diversos trabalhos de melhoramentos no Concelho, a Senhora Presidente prometeu todo o seu mais dedicado empenhamento para a nossa solicitação -mesmo tendo em conta que os encargos do Município são, neste momento, uma fonte de grandes preocupações para todo o Executivo.

Já na 1ª fase daquela nossa construção o montante das ajudas da Camara (mesmo de forma indirecta) atingiu valores altamente significativos -que nunca será de mais exaltar e referir, com público relevo.

3. A Misericórdia esteve devidamente representada, pelo seu Provedor e uma deputação de Irmãos, na brilhante sessão solene em que foi feita a imposição da medalha de mérito do Concelho à Senhora Dra. Maria Judite Serrão de Oliveira Andrade, em reconhecimento da tão generosa e dedicada abnegação com que vem dedicando toda a sua vida à causa da educação e enriquecimento cultural dos jovens do nosso Concelho.

4. Recentemente esteve entre nós, em visita de trabalho, um grupo de técnicos do Centro Regional de Segurança Social de Santa Rém, para dar a sua esclarecida colaboração no estudo do equipamento geral a instalar no novo LAR/Centro-de-dia.

Trata-se de uma equipa com grande experiência e formação técnica, de cujos ensinamentos puderam ser recolhidas frutuosas indicações a ter em conta futuramente.

«A verdadeira riqueza de um homem é o bem que ele faz neste mundo.»

Sócrates (469 - 399 a.C.) - Filósofo grego.

A IGREJA

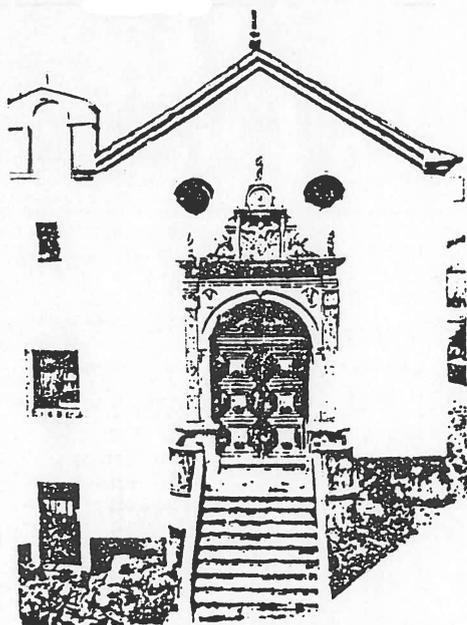
DA

MISERICÓRDIA

A nossa Igreja da Misericórdia continua a ser visitada, com bastante interesse e atenção, por diversos estudiosos e cultores das Belas-Artes, que procuram admirar essa velha relíquia do património manuelino sardoalense.

Não obstante os estragos impiedosos do tempo e da incúria de alguns responsáveis, durante largas épocas do passado, o referido templo ainda apresenta significativas mostras de arte e beleza, coetâneas da época do Renascimento e, mais tarde, da época barroca e setecentista.

Pena é que as belas figuras esculpidas na cantaria das pilstras da porta principal estejam a esboroar-se impiedosamente, e cada vez mais, pela acção das intempéries, sem que os cofres do Estado dêem qualquer sinal de mudança para o verde na luz vermelha que (certamente por avaria de circuitos) há muito e largo tempo permanece estática e imobilizada.



Porta principal da Igreja da Misericórdia

SARDOAL

ESCLARECENDO

O Compromisso-Regimento da nossa Santa Casa é uma pauta com direitos e deveres, para serem cumpridos e executados com observância estrita ao seu articulado.

Por isso foram aprovados em Assembleia Geral - e, para os menos lembrados, se acrescenta, mesmo, que na altura houve uma concordante unanimidade.

Ora, no seu artº 13º estão definidas as festividades e actos de culto que impendem como obrigações estatutárias, nomeadamente, a Festa anual da Visitação, em honra da Padroeira da Misericórdia, a procissão nocturna de Quinta-feira Santa e respectivo sermão, a missa da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, em 2 de Julho e a Festa do Senhor Jesus dos Remédios.

A Mesa actual tem estado sempre atenta a esse pormenor, respeitando-o escrupulosamente. A última manifestação religiosa, como bem se sabe, foi a Festa do Senhor dos Remédios -que mobilizou espontaneamente uma grande assistência de fiéis, em respeitosa e comovente participação.

Entretanto, dada esta oportunidade que se nos abre, aproveita-se o ensejo para clarificar certas dúvidas de alguns Irmãos, no que se refere à última procissão de Quinta-feira Santa. Aliás, o problema já fora posto, também, em alguns outros anos.

Assim, o Compromisso estatui, efectivamente, que à Misericórdia pertence organizar a procissão. É isso que sempre se fez. No entanto esclareça-se que a escolha da hora, nomeação do pregador respectivo, agrupação dos elementos do clero intervenientes e outros pormenores das funções religiosas têm de pertencer (como é óbvio, aliás) à Autoridade religiosa que superintende na paróquia, competindo à Misericórdia não interferir directamente nessa área específica.

Anote-se, a propósito, que tem havido sempre, e de uma forma geral, a devida adequabilidade entre os dois sectores -não sendo relevantes, talvez, os pontos de descontacto.

Felizmente vivemos numa terra em que todos procuram estimar-se e conviver em boa e sã harmonia -e isso ajuda muito a fazer do Sardeal, nos tempos modernos, uma família humana de convivente e fraternal exemplaridade.

TARDE-CONVÍVIO

Já de há muito se vem reparando que os utentes do nosso Centro-de-dia (bem como, igualmente, os de instituições afins, de outras localidades) muito apreciam as tardes de convívio e fraternização com idosos de terras diferentes, com os quais gostam de estabelecer novos laços de vivência e companheirismo.

Quando a nossa Santa Casa organiza encontros desse género é sempre elevado o número de interessados-participantes.

A última reunião levada a cabo efectuou-se na Quinta-feira de Ascensão, com um grupo análogo de Tramagal, e teve lugar no Parque da Caniceira, junto àquela localidade.

Foi uma tarde de larga e franca confraternização, que a todos deixou altamente contentes e satisfeitos.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia ■ SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia ■ 2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88